

Pode um homem perceber tudo o que ele “diz” em sua arte? Não. Não suportaria isto sozinho. São necessários vários para cada um perceber um pouco e rerepresentar o homem a si como mosaico de visões. A ARTERIAIS é um espaço para esses mosaicos, em que pesquisas sobre arte e em arte permitem (?) compreender o homem.

Na seção **PORTFÓLIO** Thiago Martins de Melo apresenta sua potente obra, em que a pintura expande-se para além dos lugares mais comuns do conforto ou da técnica, rompe espaços e apresenta refinada e pungente crítica social, um olhar atento para a situação do país tão assolado pelos projetos do poder neoliberal.

Na seção dos **ARTIGOS**, os autores revelam a apropriação, como pesquisadores sobre arte, de ferramentas da filosofia, da sociologia, da antropologia e da educação para a compreensão da arte e do homem. Tratam do homem contemporâneo, em meio às novas tecnologias - ou na sua “falta” -, ser plural que manifesta, em suas artes, seus estados e modos de ser no centro e na periferia dos múltiplos espaços físicos, sociais e existenciais. Sobre essas artes refletem artistas e autores deste mosaico da ARTERIAIS.

Em **Estética, subjectivação e pós-humano: do admirável ao sublime. Um passo atrás?**, Maria Manuel Baptista aborda uma resignificação da arte e da própria subjectividade, articulando estética e subjectividade, a partir de Kant, Hegel, Nietzsche e Pierce. A autora traz à tona confrontos entre homem e máquina, subjectivação e dessubjetivação e propõe que, nos desafios da arte contemporânea, seja retomado o protagonismo do primeiro de cada par.

Paradoxos e conflitos estão presentes também no artigo de Susana Rocha, intitulado **Tiago Baptista: histórias de homens e lendas da pintura**. A autora reflete sobre tensões na produção artística de Baptista, que ao mesmo tempo mostra “um mundo no limiar do fracasso” e a busca por seu “resgate”, por meio de uma pintura cujas imagens são ricas em simbolismo.

O artigo Projetos **“ZN:PRDM (Zona Neutra: Passa um Rio Dentro de Mim)”** e **“Caixa dos**

Horizontes Possíveis”, do Grupo Poéticas Digitais, de Gilberto Prado, traz a relação entre arte e contexto urbano, a partir de projetos experimentais que também permitem a reflexão sobre o impacto das novas tecnologias no campo das artes. O artigo apresenta dois projetos artísticos recentes do Grupo Poéticas Digitais: “ZN:PRDM (Zona Neutra: Passa um Rio Dentro de Mim)” de 2013, bem como “Caixa dos Horizontes Possíveis” de 2014.

A perspectiva que impactos das novas tecnologias no campo das artes também podem possibilitar na educação é discutida por Wilson Oliveira Filho, em seu artigo **O ensino de cinema diante das novas possibilidades interativas, imersivas e instalativas da arte, da memória e do liveness contemporâneos**, abordando o ensino de cursos envolvendo o audiovisual.

Ainda no contexto educacional que envolve a arte, Madalena Zaccara trata **Das crioulas de Conceição: (inter) ações do Movimento Intercultural IDENTIDADES**. Em seu texto, a autora apresenta uma comunidade quilombola em que as mulheres estão à frente e reivindicam a educação como “instrumento de resistência e conquista”, em que a arte tem papel fundamental para o engajamento na história da comunidade.

Ainda no âmbito das discussões socioantropológicas da arte, Angela Lühning, em seu artigo **Nem centro, nem periferia: sociabilidade, cultura e mundos sonoros em bairros populares em Salvador**, “aborda as complexas relações entre espaços urbanos socialmente estigmatizados - bairros populares em Salvador -, as redes de sociabilidade de seus moradores, o papel de suas expressões culturais/musicais e as suas possíveis contribuições para a sociedade brasileira”.

Distanciando-se do espaço geográfico urbano, Jean-Michel Beaudet, em **Polay, dançar**, revela danças de povos indígenas da “grande Amazônia”, discute sobre a variedade entre posturas, movimentos e significados e interroga: o que podemos aprender delas?

Por fim, ainda no contexto da Amazônia, onde se encontra o caboclo ribeirinho, João de Jesus Paes Loureiro convida, em **Meditação devaneante entre o rio e a floresta**, a perceber a “conversão estetizante da realidade em signos” a partir da “singular relação com a natureza” em que vive “o homem ribeirinho e rural da Amazônia”. Paes Loureiro propõe que, desse modo, aquele homem, ao realizar “o incessante trabalho da imaginação inventa a sua ‘mitogonia’”.

Na seção **PARTITURA**, Rodrigo Lima nos presenteia com **Matiz II**, para violino, violoncelo e piano, uma obra de 2013. Inspirado no texto de Guimarães Rosa: “O vento experimenta o que irá fazer com sua liberdade...”, o compositor tomou como “palavras-chave” no processo de criação desta obra: “liberdade”, “descoberta”, “imersão”, “processo artesanal”. Assim, “os matizes foram se materializando no curso temporal da obra”.

Mosaicos, matizes, fragmentos integrados... Caminhos para perceber e compreender a arte e o homem que a cria.

Belém do Pará, verão de 2016.

Os Editores